

OS MALEFÍCIOS CAMUFLADOS DA AMPLIAÇÃO DA JORNADA ESCOLAR (ENSINO INTEGRAL)

SANTOS, Deysiane Elias dos
BARBOSA, Geane Maria da Silva
MORAIS, Maria Lúcia Lima de

Resumo: O presente artigo discute os malefícios da jornada ampliada, (Ensino Integral) em comparação com os padrões propostos, os quais não são alcançados devido à “falta de estrutura.” Seu foco está direcionado às fragilidades do ensino em tempo integral, buscando evidenciá-las à luz da experiência vivenciada pelas residentes. A pesquisa foi realizada a partir da observação participante fundamentada pelos teóricos consultados, contemplando assim o aspecto qualitativo. Durante o desenvolvimento do estudo verificamos que o ensino em tempo integral deixa várias lacunas no aprendizado dos estudantes. No final da pesquisa tanto a análise das autoras quanto as percepções dos teóricos apontam para um ensino deficiente que não contribui para o crescimento intelectual dos discentes.

Palavras-chaves: experiência; residentes; ensino integral; malefícios;

INTRODUÇÃO

Os malefícios camuflados da ampliação da jornada escolar mostram-se como motivo de pauta para estudos que procuram evidenciar os reais efeitos desta idealização de ensino, que vem acompanhada de resultados insatisfatórios para o meio escolar, onde a maior concentração de suas consequências encontra-se no alunado que é o principal prejudicado quando inserido neste modelo.

As concepções expostas neste trabalho transitam por temáticas voltadas à docência tendo como ponto de partida as inquirições proporcionadas pelo Programa Residência Pedagógica, que por sua vez atua neste contexto de ensino, corroborando a fundamentação analítica do respectivo artigo, onde é possível arrazoar suas lacunas que interferem diretamente nas vidas de seus participantes.

Assim, neste texto pretendemos dar visibilidade às inconsistências do Ensino Integral, buscando evidenciá-las à luz da experiência vivenciada pelas residentes. Para chegar à concretização desse propósito escolhemos caminhar pelos seguintes objetivos específicos: Descrever os desafios da docência vivenciados tanto pelos professores como pelos discentes contemplados pelo Programa Residência Pedagógica; relatar sobre a atuação das residentes em sala de aula no contexto do ensino integral; enumerar os malefícios da ampliação da jornada escolar.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

UM OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA

Falar sobre a docência na contemporaneidade é retratar uma realidade digna de atenção, pois esta temática vem sendo colocada à margem da lista de prioridade dentro do contexto da educação brasileira no decorrer do tempo. Desafio é a palavra que melhor descreve o cotidiano do ser professor, como lidar com as distintas realidades com as quais se depara; assim, se faz necessário que o docente esteja preparado para vivenciar as demandas de seu ofício.

No entanto, os problemas que refletem em seu despreparo, vêm de muito antes de sua atuação em sala de aula, de modo que, no ensino para o professor em formação, por exemplo, é possível observar a incoerência dentro das licenciaturas, pois “muito” do que é apresentado ao futuro docente, no ensino superior sequer poderá ser aplicado no contexto ensino/aprendizagem, exceto, as experiências de estágios e programas voltados à prática pedagógica, dentre eles, a Residência Pedagógica.

O modelo de ensino superior em alguns quesitos pode ser repensado para não formar profissionais limitados, afinal é a formação inicial que tem o papel fundamental de preparar o futuro professor que se encontra em processo de transformação. Isso muitas vezes acontece porque segundo Pimenta (2002) a formação inicial é feita com base em currículo superficial em que as atividades de estágios são distantes da realidade.

Ademais, já no âmbito profissional, falta-lhe a formação continuada para atender as inovações pedagógicas, além da carência de recursos em suas condições mínimas de trabalho. Martins e Anunciato (2018 p. 12) enfatizam que a formação docente não se desenvolve a partir da licenciatura, pois essa formação é constituída ao longo da vida profissional docente.

É dito empiricamente que, “é com a prática que se aprende”. A vivência do docente em sala de aula leva-o para além da teoria, o que não significa dizer, que não haja a necessidade de formações que contribuam para o bom rendimento da profissão

Com a experiência do Programa de Residência Pedagógica, o docente em formação aprende muito com seu preceptor sobre planejamentos, como colocar em prática as metodologias, entre outras demandas do ofício. É relevante ressaltar a importância de se ter preceptores que estejam dispostos a ensinar e a aprender ao mesmo tempo, que tenham humildade mesmo, para passar seu conhecimento e receber sem preconceitos as ideias novas que os docentes em formação apresentam.

O bom diálogo entre os dois lados da experiência torna *os desafios da iniciação à docência* mais produtivo e dá mais autonomia ao iniciante, pois o cenário educacional traz algumas situações geradas por alguns profissionais que são dignas de monitoramento e resolução. A falta de cumplicidade entre os habilitados e os ainda não habilitados, faz parecer que o caminho é mais difícil e o rendimento fica comprometido, existe este lado escuro que precisa de advertência, porém existe o lado iluminado como retrata a imagem a seguir, que traz um momento de planejamento entre residentes e preceptora, que sempre se prontificou a ensinar e aprender para que o trabalho em equipe desse muito certo. Sua experiência, comprometimento, despojamento em ouvir, além de sua flexibilidade em compartilhar seu espaço agregou consideravelmente novos conhecimentos aos seus residentes-orientandos. Momentos assim são gratificantes entre *as duas faces do ensino*.

Figura 1 – Planejamento na escola-campo



Fonte: Acervo das autoras

A ilustração acima mostra o empenho da educadora para junto aos residentes, pôr em prática uma dinâmica em sala de aula cujo propósito foi realizar uma aula distinta das de costume, para tanto, a troca e a aceitação dos conhecimentos de ambas as partes se fez primordial, isso significa dizer que, a boa relação dos diferentes saberes é imprescindível para a obtenção de bons resultados tanto no que diz respeito à boa vivência entre os profissionais como também os frutos que este comportamento pode gerar para os alunos.

A relevância desse olhar está em entender que o professor capacitado pode ser mais cortês com o iniciante dos saberes da docência, no momento, não pode deixar de considerar alguns aspectos que influenciam na sua atuação, e que muitas vezes, torna-o frio, sendo os principais deles; a desvalorização do seu trabalho e o aumento de carga horária. Esses fatores ficaram mais evidentes “a partir da expansão da escolarização básica ocorrida no Brasil após as últimas décadas do século XX e da simultânea intensificação do trabalho docente” (Oliveira, 2013, p.279). Nesse contexto, é interessante ressaltar que as condições de trabalho docente têm sido objeto de muitos estudos no campo educacional e de reivindicações da categoria.

As postulações da classe refletem negativamente no desenvolvimento do âmbito educacional em inúmeros aspectos, uma amostra desta constatação, é o rendimento no que concerne ao ensino e aprendizagem. Além disso, os professores têm que lidar com as consequências relacionadas à saúde. Nessa perspectiva, para Gasparini, Barreto e Assunção (2005, p. 192), “[...] as circunstâncias nas quais os professores mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar geram sobreesforço [sic] ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas”. É notório que a partir dessas observações a profissão docente gera impactos emocionais e mal-estar no professor, que muitas vezes estão relacionados com as mudanças ocorridas na sociedade e que reflete diretamente no seu espaço de trabalho através inclusive, dos alunos que trazem consigo suas complexas particularidades.

Todas as percepções expostas neste artigo advêm das experiências vivenciadas pelas pesquisadoras tanto como discentes quanto como docentes, visto que na graduação tivemos contato com esses dois universos, fica a desígnio do graduando em licenciatura acreditar na educação e crer que o cenário pode evoluir de forma positiva e de modo que possa contribuir favoravelmente para todo o contexto escolar. A partir da perspectiva da desvalorização a qual lhe é uma realidade, haja vista que o ser docente tem sonhos que se realizam com seu trabalho, pois essa categoria é responsável por plantar outros sonhos que florescem, afinal, quantas profissões existem por causa de um professor que acreditou em sua arte? Sua inspiração gerou outros sonhos que se tornaram realidade, a própria docência é uma realização concebida pelo ato de sua permanência. São muitos os malefícios a enfrentar, desafios que requer estratégias para lidar com a diversidade, porém, os professores são portadores de um enorme potencial no que diz respeito a sua capacidade de resistir às lutas e ainda serem construtores e monitores de emoções positivas.

Na concepção dos docentes, por mais que a sua importância na formação social seja ignorada, jamais o seu trabalho terá sido em vão, mesmo tendo em vista que sua função não deve ser romantizada, pois está relacionada à sua necessidade real concernente à questão material. Pode se afirmar então que não se trata de uma profissão com interesses apenas subjetivos, é importante ressaltar que como qualquer outra, ela também tem interesses objetivos e cada profissional precisa ter essa ciência. Isso não significa trabalhar somente pela remuneração, mas tê-la de forma adequada que atenda e respeite as suas necessidades e o lugar social que ocupa, até porque, há leis que lhe garante esse direito, como consta na LDB, art. 67: “os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-

lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público” (Brasil, 1996, p.27). E na sequência, os parágrafos detalham suas especificidades. Contudo, a lei precisa existir na prática para garantir o efetivo processo de ensino e aprendizagem.

A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE

A implementação do Programa Residência Pedagógica na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) trouxe consigo a oportunidade de oferecer aos graduandos de Letras ferramentas e argumentos necessários para o possível erguimento do ensino de qualidade nas escolas de Educação Básica, assim como também para tornarem-se profissionais respeitáveis nas suas áreas de atuação como defende Nóvoa (2009) que a formação aconteça no exercício da profissão e que muitas aprendizagens apenas se dão na prática cotidiana da escola. Visar a ascensão do ensino garante ao docente uma entrega de trabalho inquestionável e assegura a saída dos alunos com conhecimentos indispensáveis alicerçados em seus cognitivos.

Por meio da prática é que se descobrem métodos eficazes para lecionar com maestria e através deles podem ser apontadas as lacunas e as necessidades a serem reavaliadas. Com o Programa Residência Pedagógica agindo como guia dos candidatos à docência o vislumbre do futuro esperado pode acontecer por meio dessa observação e participação, que fazem os discentes se sentirem partes do colegiado e fundidos com a mudança do meio escolar, tornando-se possível através da prática da Regência assim também discutido por Silva *et al.* (2019) que constatou que o Programa Residência Pedagógica proporciona um momento de contato não apenas com os alunos durante as regências, mas também com o professor da escola-campo, permitindo a troca de vivências e articulação de conhecimentos.

Garantir ou criar situações de prática docente eleva o nível de profissionais aptos e qualificados para exercer a função além de permitir que possam trabalhar seu senso crítico, visto que, uma crítica construtiva fortalece o meio escolar e acadêmico tendo em vista a melhor entrega possível de um trabalho qualitativo ao corpo discente. A Regência nas escolas funciona como espelho que reflete as imagens do tipo de professor que se é, como também mostra qual é o meio escolar que se está inserido. Por isso, “[...] um processo autorreflexivo da constituição de si mesmo, construído ao longo da vida, o qual tem como características o dinamismo, o inacabamento, a incompletude e a mudança” (Flores, 2018, p. 71) mostra que ciclos são necessários para a construção daquilo que o graduando almeja, que são alcançados através da prática e da ação guiada através de Programas acadêmicos.

OS MALEFÍCIOS CAMUFLADOS DA AMPLIAÇÃO DA JORNADA ESCOLAR (ENSINO INTEGRAL)

A educação integral baseia-se em uma concepção que visa contemplar da forma mais efetiva possível, as diversas áreas de formação do sujeito. Entretanto, com as vivências de observação e atuação realizadas pelas pesquisadoras durante a Residência Pedagógica em uma escola ligada a esta idealização de ensino, foi analisado por elas, que a ampliação da jornada escolar não pode ser eficaz, quando o grupo ao qual se direciona, não tem capacidade para comportar as atividades exigidas pelas diretrizes propostas a tal modelo educacional. Nesta perspectiva Gonçalves (2006, p. 131), afirma que “[...] aquilo que é proposto como conteúdo escolar, curricular, só poderá ser significativo se dialogar com os interesses do grupo, seus conhecimentos prévios, seus valores e seu cotidiano”. Sendo assim as atividades propostas pelas escolas que aderiram esse modelo de ensino apenas expõem um leque de opções previamente definidas por elas sem consulta ao público envolvido.

Reportando-se ao cotidiano de muitos alunos que frequentam as escolas pesquisadas que funcionam com esta concepção de ensino, não há como concordar que esse padrão de educação prospere de forma positiva e ainda contemple as diversas áreas de conhecimento do indivíduo, haja vista que a palavra padrão, não confere com as distintas realidades destas instituições escolares que se opõe ao posicionamento de Gadotti (2009, p.14) quando diz que “aprender é algo que exige esforço, mas fica mais fácil se tivermos envolvidos num clima de satisfação, de amizade, de respeito ao próximo, de alegria na convivência”. Esta condição é observada no interior das escolas quando se percebe que umas têm mais recursos e estruturas mais adequadas em nível de comparação com as demais. Com base neste conhecimento, o subprojeto de Língua Portuguesa mostra a preocupação em propor metodologias que possam ser abrangentes aos diferentes contextos de cada instituição de ensino, por exemplo, a gamificação analógica como prática pedagógica, foi uma demonstração deste cuidado, uma vez que nem toda escola usufrui do padrão fictício.

No Brasil, os alunos do ensino público, são as principais vítimas da baixa qualidade da educação, é importante ressaltar que todo o projeto relacionado às mais variadas propostas, educacionais começam a ser empregadas geralmente, na região sul do país, onde como foi citado por Gouveia (2006, p.84) “o ensino integral é um caminho para garantir uma educação de qualidade”. Mas se difere muito de outras regiões, especialmente da região nordeste, afinal na região sul estão as instituições modelos de ensino e é nestas que está a maior preocupação quanto aos seus desenvolvimentos. Em contrapartida o Nordeste já sofre com outros tipos de

desigualdades que afetam diretamente a realidade seja do professor seja do aluno. Logo, compreendemos que este fato não é considerado quando se propõe inovações nas redes públicas de ensino de todo país.

Estudos realizados por Barros e Iam (1996) mostram que um jovem na cidade de São Paulo tem mais anos de escolaridade em relação a um jovem no Nordeste, mesmo após controlar o efeito derivado do nível de escolaridade dos pais. No âmbito da qualidade, os resultados em testes de proficiência como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), cujo objetivo é a mensuração da qualidade dos sistemas de ensino fundamental e médio, demonstram que a região Nordeste apresenta índices inferiores de desempenho em comparação a todas as regiões, exceto em relação à região Norte.

Os malefícios camuflados da ampliação da jornada escolar especificamente no Nordeste começam pela falta de hábito dos estudantes de sair cedo de casa e voltar tarde em ônibus escolares, nessa rotina eles são muitas vezes dominados pelo sono e cansaço, a consequência disso, é o baixo rendimento nas aulas. Quanto à forma de aquisição dos conteúdos, esta necessita de adequação, pois o professor fica impedido até mesmo de indicar uma leitura para casa ou aplicar qualquer atividade que lhes exija mais tempo, pois os educandos não o têm, já que chegam exaustos em casa. Para além deste contexto, a própria adaptação ou mais propriamente a falta dela, interfere no desenvolvimento do aluno, tendo em vista que em alguns casos, os estudantes que ficam o dia todo na escola desenvolvem quadro de ansiedade ou intensificam este aspecto quando já têm. Outra observação importante no ensino médio é que as disciplinas que são voltadas para o Enem são poucas, portanto fica uma lacuna que é tomada por disciplinas eletivas e muitas destas, não contribuem para o Exame Nacional de Ensino Médio, prova que muitos estudantes fazem quando desejam se prepararem para uma vaga possível no ensino superior.

Foi notado pelas pesquisadoras que os estudantes não gostam muito desta ampliação de seu horário escolar, mas foi a vaga que seus pais conseguiram, então desta forma o aluno fica sem saída. Não há opção de escolha quando todas as escolas de ensino médio, da educação pública, por exemplo, oferecem esta modalidade de horário. Um dos pontos negativos é que os jovens e adolescentes, ficam nesta situação por serem obrigados e este cenário provoca a evasão. Sobre esta percepção; recente estudo feito pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base em dados do Censo Escolar de 2006, mostrou que, entre os itens que motivam a evasão dos jovens entre 15 e 17 anos, as repostas do tipo “não quero” compõem 45% do conjunto (Neri, 2007). A evasão é um grande problema e se faz

imprescindível lembrar que mesmo os jovens tendo seus horários de aulas mais curtos, ainda sim, passam por dificuldades quanto à adaptação.

Observamos que o ensino integral é uma perspectiva entendida também, como assistência social, preocupada em ocupar jovens e adolescentes para ampliar seus saberes entre outros propósitos, uma vez que oferece um leque de possibilidades no que diz respeito às disciplinas na escola. Além disso, a ampliação do tempo diário de escola serve como um meio que auxilia aos pais que não podem ficar com seus filhos por motivo de trabalho, mas é apenas vivenciando de perto as consequências disso que parece ser uma excelente proposta, é que se pode analisar sua efetividade, para o bem ou mal social de um indivíduo que não tem tempo sequer para ler, pesquisar, tendo vista que está sobrecarregado por disciplinas que muitas vezes tomam espaços das mais importantes para seu futuro; quantos destes chegarão ao ensino superior? Ou será que essa assistência social só visa preparar pessoas que tenham formação suficiente para o mercado de trabalho, que exija apenas o ensino médio? Eis uma reflexão digna de atenção. A seguir uma breve análise do cenário comum a este tipo de ensino:

Figura 3–Primeira aula com os residentes. Na escola- campo



Fonte: acervo das autoras

A ilustração acima mostra os discentes dormindo durante a aula. Vale ressaltar que se trata das primeiras observações dos residentes sobre turma, o que traz uma curiosidade; quando se tem novidade na sala de aula, é normal que os alunos fiquem mais interessados que comumente em comparação com dias de aula aos quais já estão acostumados, no entanto, não se faz possível esperar tal comportamento de alunos cansados. A cena se repetia em turmas diferentes. Este cenário é um reflexo do tipo de ensino abordado neste artigo. Pautadas nessa situação foi solicitado um breve relato de uma aluna do 2º ano do ensino médio, sobre a sua opinião a respeito do ensino integral. Segue o seu relato:

o ensino integral é desafiador para os alunos, com uma carga horária exaustiva que na teoria daria aos alunos uma vantagem sobre os estudantes de meio período. Vantagem

essa que não acontece, tendo em vista que aulas importantes da grade curricular comum perdem espaço para componentes como ofertas eletivas e projeto integrador, onde na maioria das vezes os professores responsáveis por ministrar essas aulas não são preparados para isso (aluna do 2º ano).

A fala da aluna corrobora todas as observações feitas pelas pesquisadoras, quando afirmam que o ensino integral não atende às propostas que lhe são atribuídas. Encerramos estas reflexões com o questionamento: Até que ponto vale a pena um ensino estruturado com uma carga horária exaustiva e que em sua maioria não contribui para o crescimento intelectual do aluno?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da perspectiva concebida pelo ensino integral parecer ser uma excelente alternativa para a educação, se faz necessário ressaltar a falta de planejamento, onde professores e alunos encontram-se perdidos diante de uma realidade oposta às suas possibilidades. Foram as consequências existentes, por falta de se delinear bem este campo inovador que surgiu a inquietação das autoras em tratar da temática, uma vez introduzidas neste meio, foi possível presenciar momentos e situações embaraçosas que não atendem a expectativa proposta pela visão de ensino e aprendizagem que reconhece a escola como um ambiente de potencial democrático e acolhedor.

Entender a instituição escolar como um ambiente democrático é levar em consideração as reais necessidades e reivindicações do público que atua e que se beneficia deste espaço, logo, os pais, os professores e principalmente os alunos que são os maiores beneficiados ou prejudicados a depender da qualidade de ensino ou falta desta, espera-se que sejam consultados para assim haver diálogo entre os principais interessados.

A conclusão desta discussão tem um longo caminho a percorrer, pois no que diz respeito à educação, a luta continua, nenhum ensino precisa carregar a propaganda de “ensino de qualidade” se não a tiver em seu histórico. Considerando essas inovações mal delineadas para ambientes e públicos inadequados, esta discussão tende a continuar até que chame a atenção dos órgãos competentes para os reais problemas que as escolas vêm enfrentando além de suas sérias consequências.

Em suma, destacamos com base na análise realizada neste estudo que os efeitos negativos da ampliação da jornada de estudos já é realidade na vida de tantos alunos afetados pela falta de empatia para com a educação, pois esta temática continua à margem da lista de prioridades dentro da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. P.; LAM, D. **Income and educational inequality and children's schooling attainment in opportunity foregone: education in Brazil**. Washington: Inter-American Development Bank, 1996.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 1996. Seção 1, p. 27833.

FLORES, P. P. **O processo de Identização Docente durante o estágio curricular supervisionado**: em jogo no campo da Educação Física. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade estadual de Maringá. Maringá, Brasil. 2018.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no brasil: Inovações e processos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire. 2009.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: v.31, n, 2, p.189-199, maio/ago. 2005.

GONÇALVES, A. S. **Reflexões sobre a educação integral e escola de tempo integral**. Cadernos Cenpec, 2. 2006.

GOUVEIA, Maria Júlia Azevedo. **Educação Integral com a infância e a juventude**. In: Educação Integral. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, 2006.

MARTINS, Rosana Maria; ANUNCIATO, Rosa Maria Moraes. **Caminhos de aprendiz de professora: processos identitários em uma comunidade de aprendizagem**. online. **Educ. rev.**, Belo Horizonte: v. 34, e172625, 2018.

NERI, M. (Coord.) **Equidade e eficiências na educação: motivações e metas**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

NÓVOA, A. **Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, D. A. As políticas de formação e a crise da profissionalização docente: por onde passa a valorização? **Revista Educação em Questão**, Natal: v. 46, n. 32, p. 51-74, maio/ago. 2013.

PIMENTA, S. G. **Formação de Professores: Identidade e saberes da docência**. In: _____. (org.). **saberes pedagógicos e atividade docente**. 3.ed. São Paulo: Cortez, p. 15-34, 2002. (Coleção Saberes da Docência).

SILVA, M.; FERREIRA, A.; JESUS, I.; ALENCAR, G.; ARAÚJO, V. (2019). **Consciência fonológica**: articulação entre teoria e prática por meio do Programa Residência Pedagógica. Trabalho apresentado no III encontro das Licenciaturas Região Sul, Curitiba, Brasil.